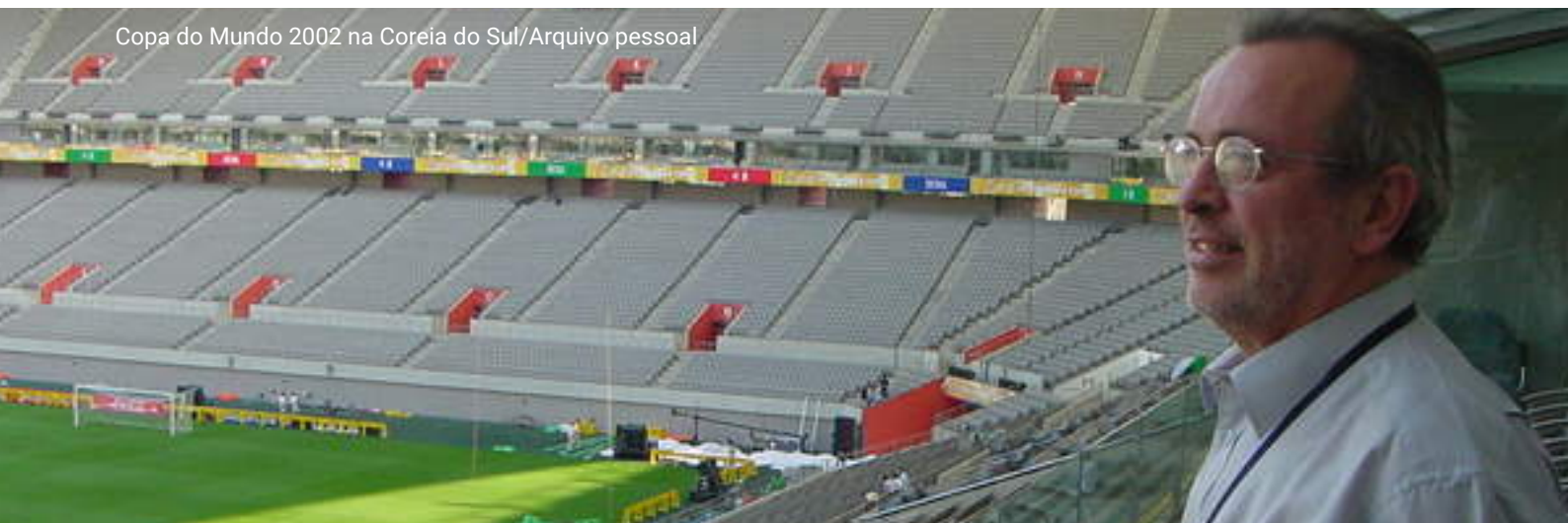


Copa do Mundo 2002 na Coreia do Sul/Arquivo pessoal



Fernando Lopez Cisneros: Engenheiro e cidadão do mundo

Por Fernando Moura, em São Paulo

Da Manaus analógica à San Francisco digital, depois ao Japão e finalmente ao centro da Europa, a trajetória de Fernando Lopez Cisneros é a história viva da engenharia televisiva no Brasil e no mundo.

A trajetória de Fernando Lopez Cisneros é marcada por pioneirismo, técnica refinada e uma carreira internacional que cruza cinco décadas, três continentes e as grandes transformações da indústria broadcast. Natural de Barcelona, Espanha, mas com raízes profissionais no Amazonas, Lopez é um cidadão do mundo. De criança emigrou com os seus pais para o Brasil, mas sempre esteve deslocado. Viu e viveu a transição da televisão analógica à digital, do SDI ao IP, da produção local à remota – e continua, como ele mesmo diz, “apostando na tecnologia como fator de transformação e eficiência”, disse numa entrevista à Revista da SET em 2020 e o reforçou em 2025.

Sua família chegou ao Brasil no final dos anos 1950, estabelecendo-se em São Paulo. A paixão por eletrônica começou ainda na adolescência, de maneira quase accidental. “Eu estava no ginásio e precisava ganhar dinheiro, porque nunca fui de uma família rica. Eu tinha que dar um jeito de ganhar dinheiro. Então, comecei a fazer festinhas, no final da semana, montava meu som com discos e gravadores. Comprava discos, comprava outro gravador. Colocava música rápida e lenta. E assim, comprei daquelas bolas que fazem luz que refletem luz do salão. Depois comprei luz negra, estroboscópica, bola de espelhos. Era diversão, mas também engenharia prática”.

Esse contato inicial com áudio aumentou quando um amigo o levou a trabalhar nos bastidores da 8ª Bienal de São Paulo em 1965. “A Bienal recebia feiras internacionais, e países como Estados Unidos e Coreia

do Sul traziam experiências audiovisuais. Foi meu primeiro contato com projetores e sistemas eletrônicos de imagem. Na feira contatei o consulado norte-americano e acabei indo aos Estados Unidos, para fazer um curso de inglês,” comentou feliz.

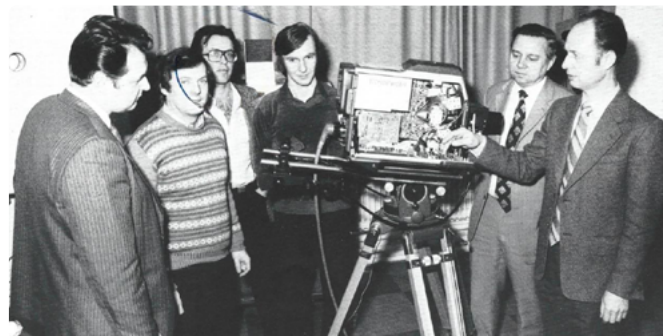
Ele recorda que no início de 1970, quando voltou do seu curso, a sua namorada mudou-se para Manaus – um fato que, sem saber, o faria entrar de vez na história da televisão brasileira. “Eu bem doidinho decidi seguir ela e a família dela e me mudei para Manaus. Cheguei lá, o pai da minha namorada não sabia o que fazer comigo. Ele sabia que eu tinha mexido um pouco com o áudio. Foi assim que chamou um amigo dele, que era o produtor da TV Cultura Manaus, no Amazonas, para ver se me arrumava um bico para fazer alguma coisa lá. E foi aí que entrei na TV Cultura de Manaus. Naquela época, todo mundo que chegasse de São Paulo para eles parecia que era mais inteligente, mais capaz, motivo pelo qual me jogaram um monte de coisas na mão. Então acabei fazendo de tudo: operador de VT, câmera, sonoplasta. Era uma estação pequena, equipada com tecnologia doada pela japonesa Shibaden”.

Lopez Cisneros lembra com carinho os domingos em que colocava a emissora no ar: “Eu e outro técnico, o Mário Pompidou, íamos a pé até a estação, enfrentando lama e calor. Tínhamos que aquecer o transmissor, esquentar a câmera, fazer a correção e sincronizar tudo antes de exibir o Hino Nacional com a bandeira tremulando ao som do hino. A criança da rua esperava ansiosa pelos desenhos animados”.

Para que a bandeira tremulasse, lembra, “botávamos a bandeira com um ventilador para que se mexesse, eu cortava para o ar, e o Hino Nacional rolava. Enquanto isso, o Mário já carregava o filme de 16 polegadas no telecine e começávamos a exibir os filmes. Acho que tínhamos oito (8) filmes, não mais do que isso, por isso, mudávamos a ordem de exibir os filmes a cada fim de semana”.

Uma das histórias mais marcantes dessa fase envolve ninguém menos que Pelé. “Até que um dia veio o Santos jogar em Manaus. Eu estava fazendo reportagens na cidade sobre o time, e o senhor, Edson Arantes do Nascimento, Pelé me falou: **O que é isso aí garoto?** Aí eu mostrei para ele o VT100, um equipamento muito avançado para a época, que era um videoteipe aberto, e tinha um monitorzinho e tinha uma câmera, tudo junto. Falei que o equipamento gravava e logo depois podia ver aqui no momento e tal. E foi embora. Quando ele foi jogar no campo e como conhecia o goleiro, fiquei atrás do gol, que o Pelé estava jogando, onde ia fazer os gols. Eu estava lá gravando. Aquele estádio não tinha luz, não tinha 2000kW de luz e nada, meio escuro.

O Pelé era tão fanático que fizeram uma falta nele, claro, dentro da área. Mas que o juiz não deu. Aí na hora do intervalo, me chamaram ao vestiário. Pelé queria ver se a falta nele tinha sido mesmo dentro da área. Ele ficou bravo porque o juiz não marcou pênalti. Era tão perfeccionista que mesmo num amistoso queria justiça”. Fernando disse que com VT “ia por aí fazendo reportagens pela cidade”.



Treino de câmeras KPC 60/Arquivo pessoal

Volta a São Paulo e viagens ao exterior

O tempo passou, lembra, e “fiquei doente. Tive de voltar para São Paulo, também só podia, com aquela água suja e higiene mínima que eu vivia. Voltei para o ginásio e para a Bienal, continuei fazendo bicos, até que Pompidou também voltou para São Paulo e me arrumou um bico para trabalhar na TV Bandeirantes. Nessa altura, já estava na universidade e ali na Bandeirantes, como eu tinha experiência de VT, me botaram na parte de videoteipe”. Ali começou a operar os enormes videoteipes da Ampex de duas polegadas, usados para gravar os blocos comerciais das emissoras, mas lembra.

Lopez Cisneros afirma, com olhar saudosos: “Eu não sabia nada daquelas máquinas. O engenheiro Yuri Savarowski, um rapaz inteligentíssimo, foi explicando me como funcionava. O diretor técnico, o Miguel Cipolla, também me ajudou, mas mesmo assim fui atrás. Falei com o Manuel, o representante da Ampex, que me indicou para cursos nos Estados Unidos— com a condição de que eu bancasse tudo. E fui, mas primeiro consegui um estágio em Montreal, Canadá, na **Canadian Broadcasting Corporation (CBC)**”.

Daí, Fernando fez cursos na sede da Ampex, em Redwood City, Califórnia, nos anos 1970 — um privilégio raríssimo à época. Para sobreviver lá, contou com a ajuda dos seus pais, morou na casa de um médico norte-americano, e atravessou o país de ônibus da Greyhound em uma viagem de quatro dias para economizar cruzando os Estados Unidos de costa a costa.

A seguir, conta animado, foi viver a Twin Peak, um bairro de San Francisco, na casa de um radiologista chamado Jack, “do qual até hoje sou muito amigo”. Para ir a Ampex tinha que pegar dois ônibus, mas valeu a pena;

“porque já estava no centro do mundo e eu nem sabia”. Eu não sabia muito bem inglês, então, fazia uns cursos de imersão durante a noite, deixava a televisão ligada, o tempo todo no comercial, para entrar a fonética deles”. Voltou ao Brasil a Bandeirantes e no ano seguinte voltou à casa do Jack para mais um curso. “Eu bancava tudo. Comia qualquer coisa na rua. Naquele tempo o **Quarter Pounder** do McDonald estava na moda. Eu trabalhava, meu pai me ajudava com a passagem, e o resto era por minha conta, mas fiquei uma vez totalmente sem grana. Meu vó de volta para o Brasil saía de Nova York e eu estava na Califórnia. O único jeito de chegar lá era de ônibus a Nova York, onde eu voaria para o Brasil. Peguei um Greyhound que levou quatro dias pra chegar. Era ônibus que parava, carregava e descarregava passageiros, trocava de motorista. E eu ali, dentro, junto com todo tipo de gente que descia e subia do ônibus. Aquilo era a América da classe média de verdade. Cheguei à Nova York, peguei meu vó e voltei para São Paulo. Continuei na faculdade e logo depois consegui voltar aos Estados Unidos mais uma vez, para fazer um seminário da máquina mais moderna da época: a ACR 25 da Ampex”.

Ele conta que “a máquina era fantástica. Era um sistema de cartuchos, cada cartucho tinha um comercial, e a máquina fazia vácuo, puxava a fita de duas polegadas, para a cabeça de leitura que lia a fita. Não precisava mais montar as faixas comerciais manualmente. Era um avanço enorme”, e reforça:

“Eu fazia os cursos durante o verão brasileiro, que coincidia com o inverno na Califórnia e no Canadá. Aproveitava minhas férias da faculdade para isso.

Naquela época nunca tive férias de verdade. Sempre que podia, viajava pra aprender. Eu tinha uma ideia fixa: queria sair do Brasil um dia e trabalhar em empresas internacionais. E, para isso, precisava construir um currículo muito forte”, explicou Fernando e complementou: “Então fui várias vezes, sempre que dava, passava também por Nova York ou pelo Canadá. Lá no CBC, no Canadá, o pessoal já me conhecia. Me deixavam fazer um estágio de duas semanas. Eu já nem passava mais o Natal em casa. Ia direto pro Canadá, fazia o estágio, depois seguia para Redwood City para a AMPEX. Com isso, fui criando um currículo robusto. Fiz o curso da ACR 25, mais os estágios na CBC e mais tarde na Philips da Holanda e Robert Bosch Ferneseh na Alemanha, e aí sim, tinha um portfólio técnico de respeito”.

Wechsel im Hitachi-Verkaufsmanagement

Hans Gondolf schied nach mehr als 12jähriger Konzernzugehörigkeit zum 30. Juni 1992 aus der Hitachi Denshi (Europa) GmbH aus. Neuer Verkaufsleiter Broadcast ist Fernando Lopez-Cisneros. Er betreut die Märkte in Deutschland, der Schweiz, Spanien und Portugal. In den zwei letztgenannten Ländern gehören nicht nur Broadcastprodukte sondern auch die Gesamtpalette des professionellen Vi-



deos und CCTVs zu seir Verantwortungsbereich.

1992 na Hitachi Denshi Europa GmbH/ Arquivo pessoal

Emissoras brasileiras

Trabalhou em redes brasileiras como a Globo, Bandeirantes, TV Gazeta. Foi operador, instrutor técnico, trabalhava com automação de faixas comerciais e, mais do que isso, testemunha de todas as grandes transições tecnológicas da televisão: “Vi o fim do quadruplex, a chegada dos sistemas helicoidais, a automação com cartuchos ACR-25, o surgimento do *Time Base Corrector*, o início da TV em cores, os primeiros sistemas digitais, o uso de software em engenharia”.

Em São Paulo, nos anos '70 fez cursos de *Assembly* e *Fortran* na Siemens do Brasil, usando naquele tempo os cartões perfurados. Fez da linguagem de máquina uma aliada à prática de manutenção e operação de equipamentos. “A gente consertava na unha. Trocava transistor no soquete, quando as fitas de duas polegadas se partiam e as grudavamos com fita adesiva, com muito cuidado. Era engenharia raiz e a gente nem sabia”.

Também viu o colapso da Ampex, que se associou à Sony para desenvolver o formato C – ironicamente, a tecnologia helicoidal japonesa que a própria Ampex

resistira no início. Com o domínio dos cassetes, a Sony passou a liderar. “A Ampex terminou vendendo máquinas da Sony. E o quadruplex morreu”, reflexiona o engenheiro.

Além disso, assistiu in loco à primeira transmissão em cores no Brasil, durante a Copa de 1970. “Foi na casa de um amigo cujo pai trabalhava na Philco, que montava televisores no Brasil para a final da Copa do Mundo. Era algo mágico.”



Bosh Fernsen na Alemanha/Arquivo pessoal

Formação e viagem ao Japão

Fernando Lopez Cisneros se formou em Engenharia Eletrônica em 1978, no Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana “Padre Sabóia de Medeiros”, antiga Fundação de Ciências Aplicadas (FEI-SP) em 1978. Mas na Universidade tampouco ficou sossegado, lá descobriu que tinha um departamento de intercâmbio internacional a cargo do “Professor Gaiger, que dava aula de Física, um austríaco, gente muito boa, maravilhosa. Quando voltei do segundo programa do Ampex, já fui conversar com

ele, e ver se ele não conseguia fazer uns seminários fora do Brasil, e o professor vendo meu currículo e a minha disposição, arranhou um em Eindhoven, na Holanda, onde participei de um projeto de mini conversores de voltagem para televisores portáteis.

“A própria Philips arrumou uma casa de família para ficar, me tratavam como um convidado técnico internacional. Fiquei três meses no departamento

de televisores portáteis a 48V. No ano seguinte, já trabalhando na TV Globo São Paulo, onde tinha a ACR 25 em operação e era diretor técnico Fernando Bittencourt. Assim, parti para outro seminário. Desta vez, foi na Robert Bosch Fernseh na Alemanha, onde seria contratado como empregado uns anos mais tardes”.

Um ano depois de formado saiu do Brasil rumo ao Japão onde estagiou na Hitachi Denshi até 1982, quando foi transferido pela empresa para Hitachi Europa na Alemanha, onde se desempenhou como suporte de engenharia em Frankfurt, na Alemanha.

“Cheguei ao Japão graças a uma bolsa oferecida pelo governo japonês em parceria com o Brasil e a FEI. Um professor me indicou para essa vaga, pois considerava que minha experiência profissional e internacional era mais avançada que a de outros candidatos” lembra e afirma que “a ideia era ficar três a seis meses no Japão aprendendo novas tecnologias. Mas, no meio desse processo, meu pedido de visto para o Canadá foi aprovado. Eu já havia avisado à CBC, que estava a caminho. Disse a eles que, antes, teria essa oportunidade no Japão”.

Lopez Cisneros, para, pensa e afirma que no Japão a imersão tecnológica foi grande. “Chegando lá, me colocaram num projeto de conversão de videotapes do sistema NTSC para PAL. Como eu já tinha experiência com videotape, fui direto para isso”. O projeto foi liderado pela Hitachi, então conhecida por sua linha de câmeras profissionais, mas que também fabricava equipamentos de gravação. “Foi a primeira vez que vi um *digitalizer*, com múltiplas portas de análise de pulso. Aquilo era mágico para mim. Nunca tinha visto esse equipamento no Brasil”.

Lembrando da indústria Japonesa, Fernando afirma que eles acreditavam no formato helicoidal de 1 polegada para a gravação de vídeo em preto e branco que na sua segunda geração já tinham desenvolvido o gravador de vídeo Akai VT100, ¼ " tape formato que também era um sistema helicoidal de gravação. Outra empresa

importante no Japão tinha sido a Shibaden, que por problemas financeiros iria fechar as operações. Portanto, os engenheiros VTR dessa empresa se re-localizaram na Sony a onde desenvolveram a BetaCam Series e os engenheiros da Shibaden de câmeras foram para a Hitachi e mais tarde criaria o setor de câmeras de Hitachi”.

Ele conta que dessa divisão, “a Sony saiu com os cassetes e daí monopolizou o mercado. Então a Ampex no final só vendia a máquina da Sony. E o sistema quadruplex morreu”.

Na mesma fase, Lopez Cisneros passou a conhecer em profundidade a revolução das câmeras. “A Hitachi tinha uma câmera chamada SK100. Era de tubo, claro, mas com inovações como *AutoSetup*, *AutoBlack* e *AutoWide*. Eram recursos automáticos que tornavam a vida do engenheiro de setup muito mais fácil. A CBS adorava esse sistema”.

Fernando conta que durante a sua permanência no Japão, deu seminários para técnicos latino-americanos convidados pela Hitachi. “Havia participantes do Panamá, Venezuela, Colômbia e Chile. Foi uma experiência muito rica. No final do período, recebi duas ofertas: voltar ao Brasil e trabalhar com o distribuidor local da Hitachi, ou ir para a Europa. Como eu tinha passaporte espanhol, a segunda opção foi mais atraente. A Espanha estava entrando no mercado europeu, e com isso seria mais fácil obter residência na Alemanha”.



Demonstração em Jacarta, capital da Indonésia/ Arquivo pessoal

Treinamentos e oportunidades na Europa

Na Alemanha, em 1984, acabou realocado para a área de câmeras. “Trabalhei com as Z1, FP15, FP20 e a SK110, que era o topo de linha. Fizemos muitas demonstrações na Espanha, onde o mercado estava se abrindo com as novas TVs regionais.” O modelo de negócio incluía governo, integrador e fabricante: “O governo espanhol dava o dinheiro, a PESA fazia as instalações e a Hitachi vendia as câmeras. Todo mundo saía feliz”.

Aos poucos, veio o convite para ingressar na Bosch Fernseh GmbH, que depois seria incorporada pela Philips. “Comecei com switchers de vídeo, que vendíamos em pouca escala. Mas o projeto foi crescendo”.

Do seu trabalho na Bosch as lembranças são muitas, mas destaque para alguns movimentos que propiciaram o desenvolvimento da indústria. Ele disse que a Bosch Fernseh GmbH foi fundada, basicamente, para os Jogos Olímpicos de Munique 1972. “Era uma empresa com mais de três mil funcionários, onde tive sorte de trabalhar, uma empresa que desenvolveu o formato B de gravação de vídeo, que não era bem um helicoidal, mas também não era um sistema quadruplex. O sistema B ficou só na mão da Bosch, ninguém quis investir. O sistema era muito bom, muito fiável, com uma tecnologia tremenda”.

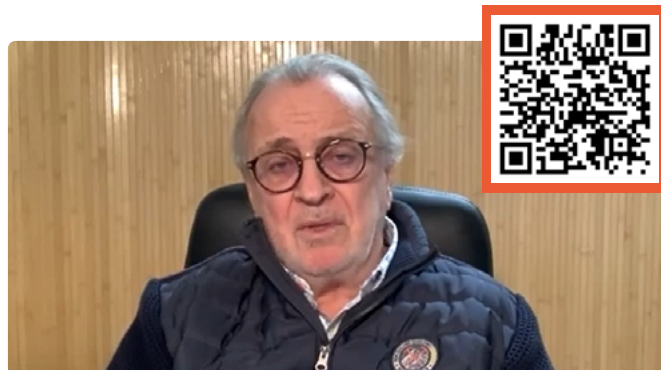
Volta a Ásia com DD35 videoswitcher

Nesta época Lopez Cisneros fez diversos cursos de marketing nos Estados Unidos e culminou com um MBA na Universidade de Chicago em 1998. “Senti que já tendo a base técnica já desenvolvida, tinha que melhorar as técnicas de marketing e de negócios”, explicou orgulhoso.

Na Ásia, fez um mapeamento completo do mercado. “Visitamos toda a região do Sudeste Asiático – Indonésia, Tailândia, Vietnã, Malásia, Filipinas. Em Oceania, na Austrália e Nova Zelândia – fazendo treinamento e adaptação dos nossos switchers da série DD. Entendíamos o que o cliente queria: a engenharia buscava estabilidade; a produção queria recursos visuais e assim, preparávamos as nossas demos para os clientes”.

A estratégia deu certo. “Começamos a vender muito. Nós usamos a mesma abordagem no Brasil e América Latina, com apoio do Arno Lannuzel e seus vendedores. Nos Estados Unidos, enfrentaram resistência. “Lá os

operadores só queriam 4 MEs, como as mesas da Grass Valley. Desenvolvemos então a DD35, com a operação do switcher pensado para aqueles operadores exigentes, que não queriam fazer nenhum *shift* no painel para mudar de ativar uma função”.



Fernando participou do programa do Reino Unido, “Inspire your Future”, onde explicou porque estudou e fez um MBA para complementar sua formação. Escaneie o QR e assista.

Sucesso olímpico: Sydney 2000

O processo de melhoria da DD35, explicou sorridente, “começou em 1998 quando levamos oito (8) switchers DD35, acabados de lançar, para a Copa de França. Mas o reconhecimento definitivo veio com os Jogos Olímpicos Sydney 2000. França 1998 foi o primeiro grande passo do DD35 no mercado internacional”, explicou e lembro que “numa dessas viagens pela Ásia, o nosso escritório de Austrália me chamou para fazer uma apresentação do DD35 para a OBS-Sydney (*Olympic Broadcast Services*) e tive lá um reencontro marcante. Quando cheguei à reunião me encontrei com o diretor técnico da OBS-Sydney e seus dois assistentes, Travel Bird e Steve Mitchell. Esses dois senhores, em 1987, trabalhavam no Channel 7 de Brisbane, onde eu, com a minha KCM 125 da Robert Bosh Fernesh, passei 3 meses convertendo as câmeras do sistema de transmissão multicabo a triax. E criamos uma amizade enorme. Quando eles entraram na reunião com a OBS me viram, nos abraçamos. Os 20 executivos presentes ficaram pasmos com a amizade, sem entender o que tinha acontecido”.

A operação em Sydney 2000 foi um êxito. “Levamos 22 mesas DD35, para serem utilizados em todos os centros técnicos durante a produção dos Jogos Olímpicos 2000, além de outras configurações. Foi uma megaoperação. Levei 12 engenheiros e fui autorizado a montar tudo

com carta branca dos meus diretores da Philips”, recorda orgulhoso. Havia equipamentos em todas as arenas. “Tinha mesa principal, mesa de backup, mesa por modalidade. Na disciplina de ginástica, os japoneses queriam um estilo único de corte e operação de imagem, e fizemos software *walkaround* exclusivo para eles em muito pouco tempo”. O suporte, explicou, não foi só para a OBS, mas também para emissoras como Globo, Televisa e TV Azteca do México, TV Polonesa, a RTÉ da Irlanda, entre outras. “Durante o evento, trocamos um painel de controle da Globo em apenas 8 minutos. Foi uma operação de logística impecável”.

Fernando explicou saudoso: “Nós fizemos algo diferente: levamos todos os vendedores de todo o mundo para a fábrica na Alemanha, para que eles pudessem conhecer quem montava, desenvolvíamos mesas de vídeo DD35. Isso fez a diferença”.



No estande da Grass Valley na NAB 2000/Arquivo pessoal

Chegada do HD

A tecnologia de HD foi integrada à operação. “Levamos ao Brasil a Seraph, nossa primeira mesa HD

da Philips Broadcast, que já tinha sido usada nos testes do DMAC Project usado nos Jogos Olímpicos de Inverno

de 1992 de Albertville, França”. A estreia brasileira em HD viria uns anos depois. “Levamos a Seraph para o Carnaval do Brasil. Foi um sucesso. Muitos fabricantes usaram as imagens captadas durante o Carnaval na feira NAB”.

A Copa do Mundo Japão Coreia 2002 também foi

um marco para o DD35. “Fui contratado para fornecer as mesas para os estádios localizados na Coreia do Sul. Levamos oito (8) DD35 para cobrir toda a operação dos estádios e IBC-Seoul. Apoiei a Globo, Televisa e outros canais com equipe técnica e suporte local”.

O desafio maior ainda estava para acontecer



Luis Botelho e Caio Turquetto, CTO e Presidente da TV Centro América com Fredy Litowsky, de costas, Fernando Lopez Cisneros/ Arquivo pessoal

“A Thompson Broadcast, uma empresa de aproximadamente 100 funcionários, comprou a Philips Broadcast, com quase dois mil empregados. E encurto prazo adquiriu a Grass Valley com outros 500 funcionários ou mais. A ordem era vender o switcher da Thompson, que os operadores não queriam. Tivemos que lutar para manter os switchers DD35”.

Ele lembra, que do choque, nasceu um novo produto: o Kayak. “A parte eletrônica foi desenvolvida na Califórnia, e o painel, e os software na Alemanha. O nome do switcher veio da tradição da Grass Valley de começar todos os produtos que eles desenvolveram com a letra ‘K’.., recorda e afirma que foi um sucesso switcher. “A Globo adorou. Nosso time de vendas no

Brasil era fortíssimo — Fredy Litowsky, Jaime, Felipe Andrade, Paulo Azevedo. O Brasil foi o país com a maior concentração de switches Kayak no Mundo. Chegamos a vender quase 4000 unidades no mundo todo durante os quase seis anos de vida deste produto”.

Mais tarde, veio o Kayenne. “O painel curvo era lindo, e hoje é referência para outros fabricantes cheio de LEDs, mas caríssimo. Custava mais o painel que o próprio processador de vídeo. Era quase uma jóia”. Apesar disso, “foi bem aceito”. Como o Kayak, era feito em dois países. “Mas o atrito entre os times de desenvolvimento da Califórnia e da Alemanha só aumentava. Cada um queria um produto com a sua identidade”. Por fim, a empresa teve de escolher. “Não dava para manter dois centros de desenvolvimento. O ciclo de desenvolvimento do Kayak tinha que se encerrar. E assim começava um novo capítulo”.



Demonstração na SRF, em Zurich da Grass Valley, em 2004 / Foto: Arquivo Pessoal

Bélgica e retorno a Alemanha e a chegada do IP ao Brasil

Em 2014, mudou-se para EVS, na Bélgica, onde ajudou a lançar a tecnologia de vídeo switchers DYVI, o primeiro switcher com processamento com GPU. Dois anos mais tarde, (2016) chegou à Lawo para participar do projeto **Partner Program**, e um ano depois, tornou-se responsável pelo mercado brasileiro.

Na Lawo, disse Lopez Cisneros, “desde 2014, mas principalmente em 2016, a empresa investiu em IP. A empresa Lawo sempre foi conhecida como uma empresa de áudio, mas o Presidente Philipp Lawo quis aumentar os produtos e portfólio e avançou para o IP. Uma parte da empresa apresentou tecnologia avançada, com base na conversão de SDI para IP, mas sempre pensando mais, de fato, não acabou aí e tornou-se muito maior. Os equipamentos Lawo tinham desde há muito

tempo processamento de áudio, **rendering** (manipulação dos canais) de áudio, porque sempre foram produtos diferenciados que entregavam algo mais ao usuário. A produção remota é um sistema que já se emancipou há muito tempo com a melhoria dos sistemas de interconexão que chegaram com a fibra e com o sistema IP. A Lawo visualizou, desde o início, a produção remota como uma produção descentralizada”.

“Em 2017, fui chamado pelo Philipp Lawo para uma reunião”, conta o engenheiro que viria a liderar uma das maiores iniciativas em tecnologia IP do continente. “O objetivo era discutir a estratégia de implementação de IP com foco especial no mercado brasileiro”. A proposta era clara: expandir a presença da fabricante alemã no Brasil.

O primeiro impulso veio da Globosat. “Eles visitaram

feiras e identificaram o potencial das mesas de áudio da Lawo. Começaram a solicitar os equipamentos através do distribuidor”. A entrada da Globosat foi decisiva. “Ter o Tomazinho (Gabriel Thomazini) como interno evangelista já era um diferencial enorme”.

Ao mesmo tempo, a Lawo iniciava o desenvolvimento de soluções IP em parceria com uma empresa alemã, uma *spin-off* formada por engenheiros que deixaram a Grass Valley. “Esta empresa era especialista em processamento de vídeo e transmissão de dados. Eu já conhecia bem o time e comecei a promover intensamente a parte de IP”. A estratégia foi educativa, afirma. “Organizamos seminários, demos e palestras – presenciais e online – sempre em português, para explicar o que era IP e mostrar as vantagens dos nossos equipamentos. O IP ainda era muito novo para o Brasil”.

Mas o trabalho com áudio não foi deixado de lado. “Continuamos promovendo a linha de consoles. Tive a sorte de contar com um engenheiro muito competente do nosso distribuidor, conhecido no mercado como o Home-Lawo. Ele acabou sendo contratado pela fábrica na Alemanha”. Esse vínculo direto com o fabricante tranquilizava os clientes. “Ter alguém local e com acesso direto à fábrica fez toda a diferença”.

O impulso definitivo no IP veio com outro nome conhecido. “Conseguimos trazer para a Lawo um ex-engenheiro da Globosat, especialista em IP. Ele já havia trabalhado nos Jogos Olímpicos e na Copa do Mundo. A experiência dele foi fundamental”. Juntos, organizaram uma nova série de apresentações e provas de conceito (POCs). “Fizemos POCs no Carnaval do Rio e de São Paulo, nas eleições, em São Paulo, em Recife, em Belo Horizonte, em Brasília, até que a Globo nos chamou”.

O projeto era ambicioso: criar uma infraestrutura de transmissão IP entre os centros de produção do Rio de Janeiro. “Foi um longo processo, durou anos. A direção da Globo visitou nosso *showroom* em Munique e também o centro de produção que montamos em Sydney”. Segundo Lopez Cisneros, a abordagem foi de três frentes. “A operação confiava na gente porque falávamos a língua deles, conhecer em detalhes a forma de eles operarem, literalmente. A tecnologia era reconhecida como a mais avançada do mercado. E a alta direção viu nosso potencial nos principais showcases ao redor do mundo”.

“O resultado? A Globo escolheu a Lawo para realizar o maior projeto de IP da América Latina.” Mas o caminho foi complexo. “Durante a fase de instalação, quando tudo estava pronto para começar no Rio, veio à pandemia de Covid-19. Isso atrasou o cronograma inteiro”. A solução foi adaptar rapidamente. “Todos os treinamentos para a engenharia e operação foram feitos remotamente. Tínhamos um engenheiro no Brasil e o engenheiro-chefe, ex-Globosat, já estava residindo na Alemanha. Com suporte direto da fábrica, conseguimos realizar toda a instalação remotamente”. O fator humano foi decisivo, comenta: “A comunicação foi essencial. Ter pessoas que falavam o idioma do cliente, mas também compreendiam as particularidades do projeto, tornou tudo mais fluido”.



Com a Lawo na Globo em 2018/Arquivo Pessoal

Nascimento da Fernext

Em 2022, após concluir esse ciclo de sucesso, Fernando Lopez Cisneros decidiu encerrar a sua atuação na Lawo. “Cumprí todas as missões que me deram. Era hora de seguir novos caminhos”. Assim nasceu a Fernext, a sua própria consultoria. “Hoje, ajudo pequenas e médias empresas a atingirem suas missões. Muitas vezes, essas empresas não têm problemas de recursos

tecnológicos, mas sim de estratégia. Elas batem no limite do que conseguem fazer as startups”. Com um olhar experiente, ele conclui: “Consegui ajudar duas empresas a se associarem a grupos maiores. Continuam com sua tecnologia, talvez com outro nome. E é isso que faço hoje: assessorar ideias promissoras a chegarem até o fim do caminho que sonharam”.



Nome: Fernando Lopez Cisneros

Data de nascimento: 24/09/1951

Naturalidade: Barcelona, Espanha

Formação: Engenharia Eletrônica em 1978, no Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana “Padre

Sabóia de Medeiros”, antiga Fundação de Ciências Aplicadas (FEI-SP) e MBA em Business and Administration na Universidade de Chicago, USA, 1998.

Estado Civil: Casado

Filhos: Um filho